

As singularidades da Amazônia na brincadeira de Faz-de-Conta de papéis sociais da pré-escola

Amazon's singularities in the social roles make - believe activities of preschool

Las singularidades de la Amazonia en el juego de hacer de cuenta de papeles sociales de la pre-escuela

Géssica de Aguiar Lima¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9154-3814>

Sinara Almeida da Costa²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7676-5040>

Resumo: O artigo é proveniente de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é compreender de que forma a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais contribui no desenvolvimento da personalidade das crianças na pré-escola. Nesse sentido, buscou-se compreender de que forma as crianças ressignificam situações sociais vivenciadas por elas através da brincadeira de faz-de-conta e identificar as funções psíquicas superiores envolvidas nessa atividade. Os pressupostos teórico-metodológicos inspiram-se nos estudos de Vigotski e seus seguidores. A brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, atividade guia do desenvolvimento infantil na pré-escola, permite a compreensão e reflexão sobre o cotidiano e se constitui como atividade essencial na formação das funções psíquicas superiores, dentre elas a imaginação, a função simbólica da consciência e controle da vontade. A pesquisa se caracteriza como estudo experimental realizado em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) do município de Santarém, PA. Foram realizadas observações da rotina das crianças e intervenção junto a professora de uma turma pré-escolar, com foco em estudos formativos sobre a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais. Os dados foram registrados em diário de campo, fotografias e vídeos. Os resultados revelam que a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais possibilita efeitos educativos que exercem influência sobre o desenvolvimento da personalidade das crianças que, ao brincarem, representam as regras, conteúdos e temas advindos das relações sociais. As crianças representaram, no faz-de-conta, dentre outros aspectos, papéis sociais de argumento da particularidade regional, expressando as singularidades do meio em que vivem.

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará-UFPA (2013). Especialista em Docência na Educação Infantil pela Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA (2015). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará (2018). Estudante de Doutorado em Educação na Amazônia. Tem experiência na área da educação, com ênfase na educação infantil, atuando principalmente com os seguintes temas: Brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais; Desenvolvimento da brincadeira na infância; O desenvolvimento infantil na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil (GEPEI) da Universidade Federal do Oeste do Pará, sob coordenação da Prof^a. Dra. Sinara Almeida da Costa.

² Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará-UFC (2001), Mestrado (2007) e Doutorado (2011) em Educação pela UFC. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: qualidade na Educação Infantil, o cotidiano da Educação Infantil, formação de professores da Educação Infantil e interações estabelecidas entre o professor de Educação Infantil e as crianças.

Palavras-chave: Brincadeiras de faz-de-conta. Personalidade. Pré-escola.

Abstract: The article comes from a master's research whose objective is to comprehend in which way social roles make - believe activities contribute to children's personality development. In this sense, to understand the way children resignify social situations experienced for themselves through make - believe activities and identify superior psychological functions involved in social roles make - believe activities developed by kids from the class. The theoretical-methodological assumptions are inspired by the studies of Vygotsky and his followers. The social roles make - believe activities, as a guiding propellant activity of infantile development in preschool, allows comprehension and reflection about everyday life and it is constituted as an essential activity regarding the development of superior psychological functions, among them, imagination, consciousness symbolic function and will control. The research is characterized as an experimental study achieved at a Municipal Unit of Infantile Education (UMEI) of Santarém City - Pará.. Observations of the routine of the children were carried out and intervention with the teacher of a pre-school group, focusing on formative studies about social roles make - believe activities. The data were recorded in field diary, photographs and videos. The results show that the social roles make - believe activities enable educational effects which influence on children's personality development that, when playing represent rules, contents and themes from social relations. Children represented, in the make - believe, social roles among other aspects, social roles of argument of regional particularity, expressing the singularities of the environment in which they live.

Keywords: Make – believe activities. Personality. Preschool.

Resumen: El artículo proviene de una investigación de maestría cuyo objetivo es comprender cómo el juego de hacer de cuenta de papeles sociales contribuye en el desarrollo de la personalidad de los niños en la preescolar. En ese sentido, se buscó comprender de qué forma los niños resignifican situaciones sociales vivenciadas por ellas a través del brote de hacer de cuenta e identificar las funciones psíquicas superiores involucradas en esa actividad. Los presupuestos teórico-metodológicos se inspiran en los estudios de Vigotski y sus seguidores. El juego de hacer de cuenta de papeles sociales, actividad guía del desarrollo infantil en la pre-escuela, permite la comprensión y reflexión sobre lo cotidiano y se constituye como actividad esencial en la formación de las funciones psíquicas superiores, entre ellas la imaginación, la función simbólica de la conciencia y control de la voluntad. La investigación se caracteriza como estudio experimental realizado en una Unidad Municipal de Educación Infantil (UMEI) del municipio de Santarém, PA. Se realizaron observaciones de la rutina de los niños e intervención junto a la profesora de una clase preescolar, con foco en estudios formativos sobre el juego de hacer de cuenta de papeles sociales. Los datos se registraron en diario de campo, fotografías y vídeos. Los resultados revelan que el juego de hacer de cuenta de papeles sociales posibilita efectos educativos que influyen en el desarrollo de la personalidad de los niños que, al jugar, representan las reglas, contenidos y temas provenientes de las relaciones sociales. Los niños representaron, en el hecho de, entre otros aspectos, papeles sociales de argumento de la particularidad regional, expresando las singularidades del medio en que viven.

Palabras clave: Juego. Personalidad. Preescola.

1 INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de que o processo de humanização ocorre através da relação do ser humano com o meio cultural, através da assimilação que as crianças fazem da relação das pessoas com os objetos, seus usos, significados, regras, as unidades de educação infantil precisam disponibilizar, permitir e elaborar atividades em que as crianças interajam com os bens culturais desde a mais tenra idade. A brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, a exemplo, possibilita essa reflexão sobre o cotidiano e se constitui como atividade essencial na formação das funções psíquicas superiores, dentre elas a imaginação.

Elkonin (2009), Vigotski (2008; 2009; 2010a) e Leontiev (2006) destacam que a brincadeira de faz-de-conta, típica na idade pré-escolar, possibilita maior desenvolvimento da criança, em diversas esferas (cognitiva, motora, afetiva, social), refletindo as significações que as crianças fazem do meio em que vivem, no processo de internalização das capacidades psíquicas humanas. No faz-de-conta, a criança busca satisfazer seus desejos irrealizáveis mediante suas limitações físicas e aprende a abrir mão de alguns desejos ao submeter-se às regras presentes no papel social subsumidos no brincar; atribui diferentes significados aos objetos sociais, trabalhando a imaginação, representando criativamente as relações que estabelece com as pessoas.

Nesse sentido, as experiências vivenciadas na educação infantil não podem se pautar em práticas escolarizantes, muitas delas restritas à leitura e à escrita. As crianças precisam se apropriar da cultura acumulada pela humanidade, refletindo sobre suas condições objetivas e apropriando-se da cultura (arte, tecnologia, ciência) através de experiências significativas que desenvolvam suas capacidades psíquicas superiores.

Os temas da brincadeira de faz-de-conta são uma representação criativa da realidade social vivenciada pela criança e neles estão os conteúdos da sociedade da qual ela faz parte, desde as diferentes formas de atuação com os objetos da cultura, à forma de relacionar-se com o outro. A atividade humana, portanto, é assimilada pela criança, também, na brincadeira, onde aprenderá a relacionar-se com as pessoas, ainda que no campo imaginário.

A base da brincadeira de faz-de-conta de papéis é social e expressa temas que percorrem desde as condições imediatas de vida das crianças à um campo mais abrangente, das condições de vida dela em sociedade (ELKONIN, 2009). Nessa direção, esse artigo, proveniente de uma pesquisa de mestrado cujo objetivo é compreender de que forma a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais contribui no desenvolvimento da personalidade das crianças na pré-escola, busca, especificamente, compreender de que forma as crianças

ressignificam situações sociais vivenciadas por elas através da brincadeira de faz-de-conta e identificar as funções psíquicas superiores envolvidas nessa atividade. Apresenta, portanto, episódios de brincadeira de papéis sociais que expressam como argumento a particularidade regional em que as crianças se inserem: Oeste do Pará, mais especificamente, no município de Santarém, Pará.

O município situa-se na Mesorregião do Baixo Amazonas e são evidentes algumas singularidades da região em que está situada: condições objetivas materiais e imateriais de cultura (arte: dança, música, artesanato etc.) que precisam ser vivenciadas pelas crianças para seu desenvolvimento integral, vinculando-as aos saberes historicamente construídos pela humanidade. A educação infantil é um espaço potencialmente propício para o desenvolvimento desses conhecimentos.

A revisão bibliográfica (2010-2016) revelou serem poucos os estudos disponíveis em bancos de dados nacionais (CAPES, ANPED, Scielo) que apresentem as vivências e o modo como as crianças da Amazônia compreendem e representam criativamente os papéis sociais do meio em que vivem. Diante disso, compreende-se que a realidade é fator fundamental de um ensino significativo, que respeite e perceba as diferenças como característica dos seres humanos, vislumbrando a possível superação das desigualdades sociais, mediante a valorização do particular e do global num processo de conflitos e correlação entre eles.

A caracterização do contexto em que as pesquisas de Pinheiro (2016) e Teixeira (2012; 2013) foram realizadas, por exemplo, mostram especificidades no brincar das crianças e na interpretação criativa dos papéis sociais. A presença marcante dos rios, da fauna e da flora, a utilização de recursos da natureza para representar objetos no faz-de-conta, as diferentes formas de trabalho exercidas pelos adultos (agricultura, pesca) permeiam a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais.

Segundo Teixeira (2013) há necessidade de realizar estudos que evidenciem as experiências, os saberes e as atividades das crianças da Amazônia. O levantamento bibliográfico dessa pesquisa corrobora essa preocupação, pois entre 2010 e 2016, foram raras, em âmbito nacional, as experiências reflexivas que evidenciaram a importância da brincadeira de faz-de-conta no desenvolvimento das crianças do Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e demais Estados da Amazônia, apesar da grande extensão territorial. Esta pesquisa se constitui um passo a mais em busca dessa evidência.

De caráter explicativo, essa pesquisa, inspira-se na perspectiva de Vigotski e colaboradores e se caracteriza como estudo experimental, realizado em uma Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) de Santarém, PA.

O *locus* da pesquisa foi uma turma pré-escolar de uma instituição pública de educação infantil. A escolha justifica-se pelo fato de as brincadeiras de faz-de-conta de papéis sociais serem típicas nas idades de quatro a cinco anos, especificamente, se dada as condições materiais para que ocorram. Além disso, relaciona-se os critérios do *locus* com a escolha da professora participante da pesquisa, como descreve-se a seguir.

Os critérios que direcionaram a escolha da professora foram: *ser concursada*, ter passado pela fase de estabilização da carreira docente e compor o quadro de profissionais da instituição, com *formação universitária em pedagogia*, curso que oferece conhecimentos específicos para quem atua com crianças pequenas; ter concluído o curso de *especialização em docência na educação infantil*, ofertado em 2015 para professores da rede pública de Santarém, pela Universidade Federal do Oeste do Pará (o curso apresentou em sua grade curricular estudos sobre a brincadeira, especificamente na disciplina Brinquedos e Brincadeiras no Cotidiano da Educação Infantil, com aporte teórico nos estudos de Vigotski); e se encontrar na *fase da diversificação*³ *da carreira docente*, apresentando disponibilidade e interesse em participar dos estudos formativos propostos pela pesquisa. Com este perfil, supunha-se, seria maior a possibilidade de encontrar práticas educativas que valorizassem o brincar na educação infantil.

Os participantes da pesquisa foram crianças de quatro anos de idade – turma de pré-escolar e sua professora.

O estado da arte comprova que a aproximação do ensino fundamental tem incentivado práticas educativas escolarizantes, com prioridade do uso de exercícios escritos, o ensino das letras e números de maneira tradicional e descontextualizada (LIMA; RODRIGUES, 2016; MACÊDO, 2014; SANTOS, 2014; SILVA, 2013). Por isso, considerou-se adequado para este estudo a observação das crianças de quatro anos, uma vez que as probabilidades da presença das brincadeiras em turmas de crianças menores eram mais consistentes. Partiu-se da hipótese de que as crianças de quatro anos têm mais liberdade, disponibilizando de momentos para as brincadeiras, ainda que houvesse a possibilidade de encontrar práticas mecanicistas.

A pesquisa foi dividida em duas fases: *o período exploratório* e *o de intervenção/observação*. Teve como instrumentos de produção de dados as observações

³Huberman (2000) investigou o ciclo de vida profissional dos professores, destacando que a carreira é um processo e pode acontecer de forma diferente para cada indivíduo. Descreveu algumas fases: *A entrada na carreira*; *a estabilização*; *a diversificação*; *o pôr-se em questão*; *a serenidade e distanciamento afetivo*; *conservantismo e lamentações* e *o desinvestimento*. Na fase da diversificação o professor busca alternativas para não cair na rotina e manter o entusiasmo pela profissão

participantes e não participantes. As formas de registro desses dados foram subsidiadas pelo diário de campo, vídeos e fotografias.

No período exploratório, foram feitas cinco *observações*, realizadas no turno matutino, com duração de quatro horas cada (desde o horário de entrada ao horário de saída das crianças). Teve como intuito compreender a realidade estudada: como as crianças brincavam de faz-de-conta; qual o papel da professora nesses momentos; se a liberdade e autonomia das crianças ao brincarem eram respeitadas e como era o ambiente da escola em termos de espaços, objetos e instrumentos para as brincadeiras.

Nessa fase da pesquisa, foi realizada observação não participante dos aspectos gerais da instituição e da prática pedagógica. A priori, esse tipo de observação se estenderia às brincadeiras desenvolvidas pelas crianças, todavia foi necessária a participação da pesquisadora em alguns momentos, com perguntas pontuais, de modo a compreender melhor o brincar das crianças, tais como: Do que você está brincando? O que está fazendo? sempre com cuidado para que a atividade não fosse destruída. “É natural que o pesquisador pergunte que função desempenham em tal jogo o papel e a situação lúdica”. (ELKONIN, 2009, p. 245).

O período exploratório foi fundamental para verificar aspectos gerais do contexto e caracterizá-lo. Além disso, foi importante no sentido de perceber a necessidade de pontos de aprimoramento tanto no que concerne ao enriquecimento do contexto educativo (brinquedos, livros), quanto ao que diz respeito ao trabalho docente com a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, o que demandou uma intervenção.

A intervenção teve como objetivo desenvolver um plano de formação continuada sobre a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais com a professora da turma participante, visando aprimorar seus conhecimentos sobre o tema para que pudesse melhor compreender o papel dessa atividade no desenvolvimento infantil, especialmente na constituição da personalidade da criança, bem como sua ação nesse processo. Para tanto, além dos encontros de formação, acompanhou-se o planejamento docente, procurando pensar, junto com a professora, possibilidades diversas de como a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais poderia ser desenvolvida com a turma. A atividade de formação ocorreu de forma coletiva, com as outras professoras⁴ da instituição, como forma de colaborar com a escola.

As formações partiram da compreensão de que a ação da professora nas brincadeiras de faz-de-conta de papéis sociais inclui: ampliação do repertório de conteúdos e temas das brincadeiras de faz-de-conta (organização do espaço, leitura e contação de histórias, visitas a locais diversos); enriquecimento dos contextos nos quais ocorrem (disponibilização de

⁴ Apesar de terem participado da formação, as demais professoras não são participantes da pesquisa.

brinquedos diversos e materiais diversificados, inclusive que retratem a cultura local, como cuias, peneiras, sementes); problematização das brincadeiras de faz-de-conta quando necessário (intervenções ocasionais que promovam questionamentos e reflexões).

O contexto do brincar das crianças da turma investigada foi modificado, com inserção de brinquedos que aludissem a papéis sociais, especialmente de argumento doméstico e profissional, e de objetos de conteúdo particular, ou seja, da realidade circundante imediata da criança (tipiti, peneira, cuias, peconha)⁵. A compra dos materiais para a formação das professoras e o enriquecimento do contexto educativo foi financiada pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA), doados à UMEI ao final da pesquisa. Na aquisição desses materiais, foram levadas em consideração as recomendações de Kishimoto (2010, p. 2):

A seleção de brinquedos envolve diversos aspectos: ser durável, atraente, adequado e apropriado a diversos usos; garantir a segurança e ampliar oportunidades para o brincar; atender à diversidade racial, não induzir a preconceitos de gênero, classe social e etnia; não estimular a violência; incluir diversidade de materiais e tipos – brinquedos tecnológicos, industrializados, artesanais e produzidos pelas crianças, professores e pais.

A inserção dos brinquedos criou uma situação laboratorial, por “colocar a criança em condições especiais” (VIGOTSKI, 2010, p. 439) para atingir os objetivos da pesquisa. Contudo, estudos experimentais que criam esse tipo de situação tem como defeito o artificialismo, tanto por colocar os sujeitos em condições que se distanciam da realidade do contexto estudado, como, também, por deixar que o sujeito se sinta incumbido de mostrar resultados positivos ao pesquisador. Em contraponto, dentre as vantagens dos estudos experimentais laboratoriais, destaca-se a capacidade de ele possibilitar mudanças no comportamento das pessoas investigadas.

Diante disso, se por um lado a inserção dos brinquedos criou uma situação que não corresponde à realidade (poucos brinquedos e livros; espaço e tempo para o brincar não eram estruturados), por outro, essa realidade precisa ser enfrentada e as crianças das escolas da infância podem, num plano ideal, possuir uma variedade de objetos e possibilidades de desenvolvimento. Para minimizar as desvantagens desse tipo de pesquisa, foi considerado o que Vigotski (2010) diz sobre os estudos experimentais, que estes precisam se aproximar mais

⁵ **Tipiti:** Objeto feito de palha utilizado artesanalmente para secar as raízes da mandioca/macaxeira, funciona como uma prensa ou espremedor no processo de separação da massa do líquido extraído das raízes. A partir dessa separação é produzida a farinha de mandioca, a goma ou fécula, o tucupí e farinha de tapioca; **Peneira:** Objeto de palha utilizado na produção do açaí, da farinha etc. **Cuias:** Objeto artesanal, confeccionado com a casca do fruto – arredondado - da cueira, utilizado tradicionalmente para tomar tacacá, açaí e, em algumas comunidades ribeirinhas, serve como um pequeno balde para pegar água dos rios e tomar banho. **Peconha:** Laço de corda, de tecido ou fibra, utilizado nos pés dos trepadores das palmeiras de açaí para apoiar a subida rumo à colheita dos frutos.

da realidade, da natureza social dos sujeitos participantes da pesquisa. Esses sujeitos precisam sentir-se, apesar da situação experimental, como se estivessem em atividades normais e não podem se sentir “o tempo todo sob a vigilância do olho do experimentador” (p. 443). Assim, considerou-se o período exploratório e o período de observações como momentos fundamentais para a socialização da pesquisadora com as crianças, para garantir a “naturalidade” das observações.

Durante a intervenção foram realizadas observações das brincadeiras das crianças, no intuito de perceber as repercussões de tais atividades na constituição da personalidade infantil. Ao mesmo tempo, tudo o que se observava era levado para discussão nos momentos de formação, buscando dirimir dúvidas e refletir sobre as formas de intervenção mais apropriadas.

No que concerne à observação, essa passou a ser integralmente participante, de modo que “o observador deixa de ser o espectador do fato que está sendo estudado. Nesse caso, ele se coloca na posição dos outros elementos envolvidos no fenômeno em questão” (GODOY, 1995, p. 27).

Foram realizadas duas observações semanais (de quatro horas cada), correspondendo a dezoito manhãs de produção de dados. Optou-se pela observação de todo o horário da manhã porque haveria a possibilidade de a brincadeira ocorrer em outros momentos da rotina que não naquele planejado para tal. Os dias da semana foram selecionados pela pesquisadora junto à professora. Primava pelos dias em que as crianças iriam ao parque e pelos dias em que a ação mediadora (enriquecimento do conteúdo do brincar) ocorreria intencionalmente, com tempo e espaço organizado pela professora. No planejamento dos demais dias, a professora destinava momentos livres para a brincadeira.

Esses critérios foram selecionados para a observação em função da constatação, na fase anterior da pesquisa, de que o parque era o local em que as brincadeiras de faz-de-conta mais aconteciam; também as ações mediadoras da professora, antes e durante o brincar, fomentaram o desenvolvimento da brincadeira de faz-de-conta, por isso a importância de observá-las/registrar-las do início ao final da manhã.

As observações seguiram o seguinte roteiro, que subsidiou as análises primárias⁶ dos dados produzidos:

Quadro 1- Roteiro de observação e registro em vídeo

⁶ Organização reflexiva teórica dos dados, no intuito de descrever e explicar minuciosamente os episódios sobre a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais registrados ao longo da pesquisa.

DESCRICAÇÃO	Ação mediadora da professora – o que a professora planejou para que a brincadeira de faz-de-conta acontecesse; como interveio na atividade
	Tema da brincadeira de faz-de-conta de papéis – definido pelas crianças e interpretado com base nos papéis assumidos por elas.
	Participantes – crianças, professora, pesquisadora.
	Conteúdo da brincadeira: ações, operações com objetos e interações entre os participantes.
EXPLICAÇÃO	Brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais - identificar as funções psíquicas superiores envolvidas nas brincadeiras desenvolvidas pelas crianças; refletir sobre o desenvolvimento da personalidade a partir da relação das crianças com o conteúdo da brincadeira.

Fonte: Arquivo da pesquisadora, 2017.

Durante as observações, num mesmo instante, as crianças brincavam em diferentes lugares e com diversos grupos. Portanto, alguns critérios foram definidos para nortear os registros: 1. Papéis determinados pelas crianças ou papéis implícitos nas ações com os objetos; 2. Ações lúdicas imaginárias (fala teatral, gestos, uso social ou substitutivo dos objetos) de acordo com os papéis assumidos pelas crianças; 3. Reelaboração criativa das situações sociais vivenciadas pelas crianças. 4. Relação das ações das crianças com os papéis sociais dos contextos caracterizados na pesquisa; 5. Ações e falas durante o brincar que expressassem a intervenção (enriquecimento, problematização) da professora no conteúdo da brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais; 6. Grupos com maior número de participantes; 7. Brincadeira de faz-de-conta realizadas pelas crianças em paralelo à outra atividade proposta pela professora. A presença de três ou mais destes critérios no brincar das crianças direcionava os registros. O momento de interrupção das filmagens foi definido quando se considerava que o tema da brincadeira tivesse terminado ou quando surgiam episódios mais interessantes para a pesquisa.

Os dados da pesquisa foram registrados através de *diário de campo*, *fotografias* e *vídeos*, para posterior reflexão e sistematização, realizadas diariamente, ao longo do processo, conforme as visitas à escola.

A análise final se realizou após a ordenação e categorização dos dados, mediante o agrupamento e reflexão das análises primárias (Quadro 2), realizadas ao longo da pesquisa, norteadas pelas ideias dos teóricos que fundamentam este estudo.

Os vídeos foram transcritos (áudio, gestos, interações) com atenção aos itens previstos no roteiro de observação. Além disso, as reflexões consideraram as anotações do diário de campo sobre os episódios registrados. Fundamenta-se no *método genético-experimental*, estratégia que visa “esclarecer as possibilidades e condições de transição de um nível de atuação no jogo para outro” (ELKONIN, 2009, 241). Esse método foi empregado em

pesquisas ligadas à escola de Vigotski e os relatos de algumas delas condizem com a *análise microgenética*: “forma de construção de dados que requer a atenção a detalhes e o recorte de episódios interativos [...], resultando num relato minucioso dos acontecimentos” (GÓES, 2000, p. 9). A análise microgenética norteou a pesquisa, visando não apenas descrever os episódios, mas explicá-los com base no processo em que ocorreram (interações, cultura, contexto).

Para compreender as ressignificações das situações sociais vivenciadas pelas crianças na brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, foi produzida, dentre outras categorias, uma que expressou os papéis sociais cujo o argumento se refere a particularidade regional, que tratamos nesse trabalho.

A identificação das funções psíquicas superiores implícitas na brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais desenvolvidas pelas crianças compõe a análise explicativa de cada episódio mencionado nessa categoria.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa, os participantes foram informados sobre objetivos, métodos e justificativa, assegurado o sigilo absoluto das identidades dos participantes e da instituição. Os nomes das crianças e da professora foram substituídos por nomes fictícios (personagens de lendas regionais e artistas santarenos). Todos os pais ou responsáveis autorizaram a participação das crianças na pesquisa e não manifestaram insegurança ou receio quanto à utilização das imagens capturadas, apesar disso, optou-se pela não utilização das imagens das crianças.

2 A BRINCADEIRA DE FAZ-DE-CONTA DE PAPÉIS SOCIAIS E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Vigotski (2010a, p. 698) explicita que o meio consiste em fonte de desenvolvimento das propriedades e qualidades humanas específicas que se desenvolvem ao longo da história. Estas qualidades são próprias dos seres humanos pela sua composição orgânica hereditária e por sua relação social, pois “existem em cada pessoa, porque essa pessoa é membro de um certo grupo social, é uma certa unidade da história, vive numa determinada época histórica e em determinadas condições históricas”. Desse modo, o meio é fundamental para o desenvolvimento das qualidades humanas, ou seja, as condições objetivas de vida das pessoas formarão a base desse desenvolvimento.

Leontiev (1978, p.1) afirma que “o homem é um ser de natureza *social*, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em *sociedade*, no seio da *cultura* criada pela

humanidade” (grifos do autor). O homem, no cotidiano, se relaciona com os saberes culturais de forma dialética. Cria e é criado por eles. Torna seu, no campo intrapsíquico, aquilo que está posto no meio, no campo intersíquico. Mas, não os absorve em sua integralidade, por estar conhecendo a história humana dentro, apenas, de sua realidade imediata.

Sirgado (2000, p. 54) afirma: “para Vigotski a cultura é a totalidade das produções humanas (técnicas, artísticas, científicas, tradições, instituições sociais e práticas sociais), [...] é a obra do homem”. A cultura é, portanto, “um produto da vida social e da atividade social do ser humano” (VIGOTSKI, 1995/2000, p. 151 – traduziu-se).

A lei geral do desenvolvimento, proposta por Vigotski (2000a), é apresentada mostrando como acontece o processo de internalização da cultura no ser humano: “qualquer função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes – primeiro no social, depois no psicológico, primeiro entre as pessoas como categoria interpsicológica, depois- dentro da criança” (p. 26). Assim, essas funções, especificamente as funções psíquicas superiores, se constituem a partir das relações de origem social, das relações reais que os seres humanos produzem ao longo da história.

Concebe-se a brincadeira de papéis sociais, como forma de a criança expressar, através de suas ações, sua assimilação da cultura. Portanto, é uma experiência necessária na educação infantil, pois é a atividade promotora de vivências, ou seja, atividade revestida de sentido, que impacta de algum modo o eu infantil e sua formação. Para Vigotski (2009), a brincadeira é reelaboração criativa das impressões vivenciadas. Baseando-se nessas impressões, a criança constrói, cria através da imaginação, uma realidade nova, unindo o que acontece no meio em que vive aos anseios e aspirações particulares.

A brincadeira é atividade que atende as necessidades infantis e permite a criança desenvolver suas capacidades psíquicas superiores, tipicamente humanas. A memória e a imaginação são duas delas e tendem a se desenvolver na idade pré-escolar, à medida que a criança passa a realizar de forma ilusória e imaginária os seus desejos irrealizáveis. A segunda está diretamente relacionada à capacidade dos seres humanos de criar, ou seja, desde pequenas as pessoas podem desenvolver essa capacidade, pois “o homem imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça um grãozinho, se comparado às obras dos gênios”. (VIGOTSKI, 2009, p. 15-16).

Do verbo criar, entende-se por criação: ato ou efeito de criar; dar origem, produzir, inventar, imaginar; estabelecer, fundar, instituir; obra, produção; descobrimento literário, científico. (BORBA, 2002; BUENO, 1982; FERREIRA, 2004). Contudo, o ato de criar não se faz presente, apenas, em grandes obras patenteadas ou nas inovações tecnológicas, pois se

desenvolve em meio às experiências do ser humano. Desse modo, quanto maior a experiência dos indivíduos, maior sua capacidade de imaginação e criação.

Para Vigotski (2009), a atividade criadora do homem é aquela em que se cria algo novo e está relacionada à capacidade combinatória do ser humano, que por meio da imaginação consegue projetar elementos futuros, a partir das experiências que tivera. Essas experiências, portanto, não são meramente reproduzidas, devido à plasticidade do cérebro humano.

Nosso cérebro mostra-se um órgão que conserva nossa experiência anterior e facilita a sua reprodução. Entretanto, caso a atividade do cérebro fosse limitada somente à conservação da experiência anterior, o homem seria capaz de se adaptar, predominantemente, às condições habituais e estáveis do meio que o cerca. (VIGOTSKI, 2009, p. 13).

Com base nisso, considera-se que o ser humano possui duas especificidades: a capacidade reprodutiva e a capacidade combinatória ou criadora. Sem a segunda, a atividade humana de criação seria impossível. As pessoas se adaptariam ao meio e qualquer mudança drástica na natureza poderia pô-las em risco. “Se a atividade do homem se restringisse à mera reprodução do velho, ele seria um ser voltado somente para o passado, adaptando-se ao futuro apenas na medida em que este reproduzisse aquele” (VIGOTSKI, 2009, p. 14). Assim, com a capacidade criadora, as pessoas usufruem das criações precedentes e conseguem modificar o meio conforme suas próprias necessidades.

Vigotski (2009) explica que a base da capacidade criadora é a imaginação, sem a qual seria impossível a criação artística, científica e técnica. Dessa maneira, a cultura, ou seja, tudo o que compõe a humanidade, é “produto da imaginação e da criação humana” (p.14) e os objetos produzidos ao longo da história são a própria “*imaginação cristalizada*” (VIGOTSKI, 2009, p. 15, grifos do autor). Explícita, também, que desde a mais tenra infância há manifestações dessa capacidade criadora. A brincadeira, atividade socialmente desenvolvida, é a forma mais evidente dela:

A criança que monta um cabo de vassoura e imagina-se cavalgando um cavalo; a menina que brinca de boneca e imagina-se a mãe; a criança que, na brincadeira, transforma-se num bandido, num soldado do Exército Vermelho, num marinheiro – todas essas crianças brincantes representam exemplos da mais autêntica e verdadeira criação. (VIGOTSKI, 2009, p. 16-17).

Não se pode desconsiderar que nessas brincadeiras existe caráter reprodutivo, imitativo. Contudo, na brincadeira, as crianças mais que reproduzem, elas reelaboram criativamente suas vivências. Isso ocorre porque “uma peculiaridade da imaginação infantil é o fato de que a fantasia da criança ainda não é diferenciada da sua memória” (VIGOTSKI,

2010a, p. 207), de tal modo que a imaginação infantil se relaciona com a realidade, com as experiências da criança e é evidenciada na sua atividade.

Nesse caso, a atividade combinatória da imaginação é extremamente clara. Diante de nós, há uma situação criada pela criança. Todos os elementos dessa situação, é claro, são conhecidos por ela de sua experiência anterior, pois, do contrário, ela nem poderia criá-la. No entanto, a combinação desses elementos já representa algo novo, criado, próprio daquela criança, e não simplesmente alguma coisa que reproduz o que ela teve a oportunidade de observar ou ver. É essa capacidade de fazer uma construção de elementos, de combinar o velho de novas maneiras, que constitui a base da criação. (VIGOTSKI, 2009, p.17).

Uma das funções da imaginação é combinar, “organizar formas de comportamento jamais encontradas na experiência do homem”. Enquanto à memória cabe conservar, “organizar a experiência para formas que mais ou menos repetem o que já houve antes” (VIGOTSKI, 2010a, p.203). Contudo, a criança não consegue reproduzir e organizar com exatidão as experiências vividas, compartimentalizando o que é da memória ou da imaginação, por que ambas estão relacionadas. Também há envolvimento emocional na reprodução das experiências da criança, que busca satisfazer suas vontades através da brincadeira, da fábula e da mentira, relacionando criativamente os elementos da experiência vivida ao que imagina.

“Cada período da infância possui sua forma característica de criação” (VIGOTSKI, 2009, p. 19). E, a brincadeira de faz-de-conta é percebida como tal, pois, é no período pré-escolar que surge a função psíquica superior que embasa os processos criativos dos seres humanos: a imaginação. “A situação imaginária nasce da discrepância entre a operação e a ação” (LEONTIEV, 2006, p. 127). Ou seja, a criança sente a necessidade de executar ações e operações que nem sempre são condizentes com sua realidade física. Surge, então, a situação lúdica imaginária da atividade, que possibilita a reprodução criativa das atividades dos mais experientes na execução da atividade principal da criança.

Na brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, por exemplo, “uma necessidade de agir como um adulto surge na criança, isto é, de agir da maneira que ela vê os outros agirem, da maneira que lhe disseram, e assim por diante” (LEONTIEV, 2006, p. 125). Perante essa necessidade e de sua impossibilidade de consumação, decorrente de suas limitações físicas, entre outras, o faz-de-conta é a forma pela qual a criança realiza essa vontade.

A esse respeito, Vigotski (2008) explica que,

Na idade pré-escolar, pela primeira vez, surge uma estrutura de ação em que o sentido constitui-se em determinante; porém, a própria ação não é secundária, um momento submisso, mas um momento estrutural. [...]. A criança não simboliza na brincadeira, mas deseja, realiza vontades, vivencia as principais categorias da atividade. Por isso, numa brincadeira, um dia transcorre em meia-hora e 100 quilômetros são percorridos com cinco passos. Ao desejar, a criança realiza; ao

pensar, age; a não separação entre a ação interna e a ação externa é a imaginação, a compreensão e a vontade, ou seja, processos internos numa ação externa. (VIGOTSKI, 2008, p.33).

Segundo Vigotski (2008), uma das tarefas tremendamente difíceis para a criança pequena é separar a ideia (significado da palavra) do objeto. A linguagem em sua forma de palavra ou fala, na criança muito pequena, está presa ao sentido real das coisas. Somente com o desenvolvimento da capacidade simbólica da consciência, da imaginação, a criança consegue alcançar um nível de transição em que o objeto deixa de definir o sentido, para que o sentido defina o objeto. A brincadeira é a mola propulsora para que isso aconteça. “Na brincadeira, a criança cria a seguinte estrutura sentido/objeto, em que o aspecto semântico, o significado da palavra, o significado do objeto, é dominante e determina seu comportamento”. (VIGOTSKI, 2008, p. 31).

Pode-se discernir, com essa explanação, que na brincadeira, a criança instiga seu desenvolvimento, a fim de alcançar níveis ainda maiores. Logo, elas têm contato com experiências além de sua zona de desenvolvimento iminente⁷.

Portanto, nas premissas psicológicas do jogo não há elementos fantásticos. Há uma ação real, uma operação real e imagens reais de objetos reais [...], a estrutura da atividade lúdica é tal que ocasiona o surgimento de uma situação lúdica imaginária. (LEONTIEV, 2006, p. 127).

Nesse sentido, a atividade criadora infantil ocorre de forma dialética, estabelecendo uma relação entre a imaginação e a realidade. Vigotski (2009) indicou quatro principais formas dessa relação:

1. “Toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa” (p. 20); ou seja, a imaginação é construída a partir da realidade, da combinação de elementos provenientes dela.

2. É uma relação complexa “entre o produto da fantasia e um fenômeno complexo da realidade” (p.23). Os elementos da realidade, quando modificados e reelaborados tornam-se, produtos da imaginação. Nessa relação a experiência alheia ou social é fundamental. Para exemplificar, na atualidade, a representação de fenômenos históricos ou artísticos do passado pode ser conhecida, apreciada, ouvida, porque alguém os descreveu, pintou (materializou de alguma forma). Ou seja, o produto da imaginação de alguém, embasado numa realidade vivenciada em determinado tempo histórico ou condição cultural, pode fazer parte do campo de experiências de outras pessoas, noutro tempo histórico, com ajuda da imaginação, por meio da experiência indireta (narração, descrição, contemplação).

⁷ O termo iminente, usado em substituição ao termo proximal, será utilizado ao longo deste trabalho, conforme as traduções de Prestes (2010).

3. De caráter emocional, manifesta-se de duas maneiras: os sentimentos influem na imaginação e são encarnados em imagens que correspondem a esse sentimento. As expressões do medo de algo sobrenatural, por exemplo: palidez, tremor, secura na garganta, alteração da respiração e dos batimentos cardíacos, mostram que “as imagens da fantasia servem de expressão interna dos nossos sentimentos” (p.26). Outro exemplo dessa materialidade é que os sentimentos estão ligados a representações: na arte, culturalmente, as cores são como signos emocionais (azul-claro: frio, tranquilidade; vermelho: quente, rebelião; preta: desgraça, luto; branca: alegria). De outra maneira, assim como os sentimentos exercem influência sobre a imaginação, ela, também, influi no sentimento. As obras de arte, a exemplo, “criadas pela fantasia de seus autores, exercem uma ação forte em nós” (p. 28).

4. “A construção da fantasia pode ser algo totalmente novo, que nunca aconteceu na experiência de uma pessoa e sem nenhuma correspondência com algum objeto de fato existente” (p.29). Ao se materializar, encarnar, cristalizar, ao transformar-se em algum objeto, passa a existir e exercer influência no mundo, tanto no âmbito técnico como na própria consciência, na subjetividade humana. Essa concretude da imaginação se embasa em elementos da realidade, os quais são combinados e reelaborados de modo complexo. Tanto os materiais de ação prática do homem sobre a natureza quanto as obras de arte são exemplos dessa última forma de relação entre imaginação e realidade.

“Vigotski entende que imaginação e realidade formam um todo dialético. A imaginação ampara-se nas experiências vividas pelo sujeito ou em experiências por ele ‘emprestadas’ de outrem e o resultado, o algo novo que emerge é a atividade criadora”. (TEIXEIRA, 2017, p. 6).

Considera-se, portanto, que no período pré-escolar a criança precisa exercer sua liberdade de expressão, bem como dispor de um espaço educativo diversificado, organizado, que possibilite o enriquecimento das experiências das crianças na cultura. Pois, a brincadeira de faz-de-conta é a atividade que mais promove o desenvolvimento da capacidade criadora da criança, uma vez que ela combina elementos reais e imaginários e reconstrói significados junto aos seus parceiros. A brincadeira de faz-de-conta, configura-se em reelaboração criativa das relações do ser humano, movida pela necessidade de a criança encontrar seu espaço no “mundo adulto”, de conhecer os instrumentos e as relações sociais.

3 AS RESSIGNIFICAÇÕES DAS SITUAÇÕES SOCIAIS VIVENCIADAS PELAS CRIANÇAS NA BRINCADEIRA DE FAZ-DE-CONTA DE PAPÉIS SOCIAIS

Apresenta-se nessa sessão as representações criativas das crianças que expressam como argumento de suas brincadeiras de faz-de-conta de papéis sociais a particularidade regional do meio em que aconteceu a pesquisa: a presença enfática dos elementos da natureza (sementes, flores, terra), o trabalho com objetos (peneira, cuias, tipiti), as comidas típicas da região (tacacá, açaí).

Em outros episódios relacionados a esse argumento houve a presença de temas em que crianças brincaram de pescaria, de casa de farinha e de subir em açazeiros com o auxílio de peconhas. Contudo, o argumento da brincadeira não se desenvolveu, pois, apesar das intervenções da professora (apresentação de documentários sobre o assunto) as crianças, em sua maioria, demonstraram que pouco conheciam as operações necessárias para a representação criativa dos papéis relacionados a esses tipos de atividades. Por isso, o conteúdo principal envolvendo esses temas colocou em primeiro plano a relação das crianças com os objetos e não as relações sociais que os envolvem. Acredita-se que outras intervenções seriam necessárias para que essas atividades fossem melhor conhecidas pelas crianças, de modo a enriquecer o argumento dos temas mencionados.

Dos vinte e cinco episódios encontrados, categorizados segundo a representação de conteúdos regionais, selecionou-se dois para a análise, segundo os seguintes critérios:

1. Papéis determinados pelas crianças; 2. Ações lúdicas imaginárias (fala teatral, gestos, uso social ou substitutivo dos objetos) de acordo com os papéis assumidos pelas crianças; 3. Reelaboração criativa das situações sociais vivenciadas pelas crianças (tanto as relacionadas ao contexto doméstico, como aquelas provenientes das intervenções da professora e pesquisadora). 4. Relação das ações das crianças com os papéis sociais dos contextos caracterizados na pesquisa (familiar e escolar); 5. Ações e falas durante o brincar que expressaram a intervenção (enriquecimento, problematização) da professora no conteúdo da brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais; 6. Grupos com maior número de participantes (para a análise, considerou-se os grupos com três ou mais integrantes).

Foram privilegiados episódios que apresentaram os critérios definidos, ou seja, analisa-se, a seguir, aqueles que mostraram um nível elevado da brincadeira de faz-de-conta, especialmente no que concerne ao fato da criança assumir um papel.

Episódio 01: A venda de tacacá

Participantes: Crianças e a professora

Ação mediadora da professora: A professora organizou um ambiente sugestivo no quintal, próximo à maloca⁸, após a apresentação de documentários que havia feito ao longo da semana, os quais poderiam enriquecer o conteúdo da brincadeira e as ações

⁸ Espaço reservado, principalmente, para os momentos das refeições das crianças, mas, também, para atividades de pintura, desenho, colagem, modelagem e brincadeiras diversas.

das crianças com os objetos tradicionais da região. Dispôs mesas, cuias, tipitis, peneiras e a caixa que os armazenava para que as crianças interagissem livremente no local enquanto as observava. Foi convidada pelas crianças a assumir o papel de cliente, por isso, é uma das personagens do tema. Entrevi nas ações das crianças quando percebeu a necessidade de esclarecer as atribuições de cada papel.

Conteúdo da brincadeira de faz-de-conta (ações, operações com objetos e interações entre os participantes):

Manioca picava folhas e as colocava numa cuia. A pesquisadora se aproximou e disse:

- O que você está fazendo, Manioca? O que é isso dentro da cuia?

- É coisa, é mingau. – Manioca respondeu.

Manioca continuou o que estava fazendo, pegou um tipiti e usou para mexer o “mingau”. Depois, com o mesmo objeto, passou-o sobre a mesa como se estivesse limpando.

Icamiaba se aproximou de Manioca e disse:

- Estava vendendo, tá? [...] as panelas lá.

Guaraci foi até a professora com uma peneira cheia de folhas dentro.

- O que é isso? Tacacá? É o jambú? Indagou a professora Dica.

Depois, Manioca entregou uma cuia para a professora.

- O que é isso? Tacacá também? Disse Dica novamente.

Em seguida Wilson Fonseca também levou uma peneira com folhas para a professora. Ela fez a mesma pergunta para ele. Além disso, indagou sobre o que o menino havia colocado dentro do tipiti. Ele respondeu:

- Folha.

- São folhas para colocar no tacacá? – A professora acrescentou.

- É. – Ele confirmou.

Manioca voltou a entregar a cuia para a professora, dizendo:

- Eu coloquei pimenta.

- Tem pimenta nesse daqui? – A professora perguntou.

A menina balançou a cabeça afirmativamente

- Muito bom, Manioca! Disse a professora, interagindo com a menina.

Icamiaba fez barulho com a tampa de uma caixa e disse à professora:

- Eu estava vendendo.

Então a professora disse:

- Você está vendendo tacacá? Já acabou seu tacacá?

Ela respondeu que não, balançando a cabeça.

- Tem mais algum para mim, aí?

- Tem.

- Então faz um aí para mim, põe o tacacá na cuia para mim.

Tucandeira chegou perto e disse:

- Eu quero um também!

- Olha, faz outro para Tucandeira. É um para mim e outro para Tucandeira. Aí, você tem que colocar do jeito que você quiser.

- E um para mim! – Vitória Régia solicitou.

- Ah! ainda tem a Vitória Régia. Vish! Hoje você vai estar com muito dinheiro. Faça aí três cuias! – a professora ressaltou.

Iara tentou tomar o lugar de Icamiaba nas vendas, mas a professora lembrou:

- Quem está vendendo é a Icamiaba!

Vitória Régia entregou a cuia de tacacá para Icamiaba e disse:

- Acabei!

Em seguida a professora também devolveu a cuia, dizendo:

- Tem que lavar a cuia, vendedora.

Iara pegou uma cuia (que seria de Tucandeira) e devolveu para Icamiaba. A professora questionou:

- Não está bom esse tacacá?

Iara balançou a cabeça, dizendo que não.

Com isso, a professora falou para Icamiaba que a cliente não gostou.

- Eu gostei! Vitória Régia gritou.

- Gostou? – Disse a professora, dirigindo-se a Vitória Régia. E continuou: - Muito obrigada Icamiaba. Só faltou pagar você, né? Elas comeram e foram embora, né? .

Iara escutou a professora e disse:
- Pega o dinheiro!
Em seguida, Vitória Régia fez o mesmo.
A professora observou onde Icamíaba pôs o dinheiro e então perguntou:
- Mas, você está colocando o dinheiro junto com o tucupi?
Icamíaba, apenas, ficou sem jeito.
As crianças, brincaram de tacacá por um longo tempo.

As crianças assumiram papéis motivadas pelo ambiente sugestivo, organizado pela professora, e pelo conhecimento que desenvolveram a partir das intervenções de enriquecimento do conteúdo da brincadeira antes que ela acontecesse (documentários assistidos e explanações da professora sobre o uso social das ferramentas culturais regionais). Tem-se como personagens do enredo os vendedores e clientes, além dos fornecedores da matéria prima do tacacá. Assim sendo, as ações lúdicas imaginárias das crianças reelaboraram as situações sociais vivenciadas por elas e refletem em seu conteúdo as relações sociais dos pequenos vendedores de tacacá de Santarém. Assim, os papéis determinados pelas crianças, a relação concatenada entre os participantes, o respeito à continuidade das ações e às regras da vida social, constituem-se em características do terceiro nível de desenvolvimento do brincar. (ELKONIN, 2009).

Nos primeiros momentos de interação das crianças com os objetos regionais, especialmente o tipiti, algumas desconheciam seu uso, pois, fazem parte do contexto urbano do município, onde não são produzidas as matérias primas do tacacá. Dessa forma, as intervenções da professora, antes e durante o momento da brincadeira, foram fundamentais para que o brincar de faz-de-conta de papéis sociais tenha alcançado tal nível.

As funções psíquicas superiores destacadas no episódio são: a imaginação, na representação criativa dos papéis sociais; a fala, nas relações histriônicas⁹ entre os participantes. Além disso, observou-se que as crianças passaram a incluir no seu vocabulário palavras novas, tais como: jambu e tipiti; a função simbólica da consciência, pela utilização substitutiva de objetos: folhas: mingau – tacacá - mandioca para extração do tucupi; tipiti: colher – espanador; o cálculo, em sua função social, na correspondência biunívoca entre a quantidades de pessoas e cuias com tacacá a serem servidas.

As crianças colaboraram umas com as outras, principalmente aquelas que ficaram encarregadas de colher as folhas, flores, terras, sementes e água para os parceiros que vendiam. Portanto, elas perceberam a importância de dividir funções para que um objetivo comum seja atingido.

⁹ Refere-se à atuação teatral ou dramática da criança ao assumir um papel social.

Por outro lado, houve um conflito, quando Iara tentou ocupar o lugar de vendedora. A professora entrevistou, pois percebeu a necessidade de destacar os papéis que cada criança representava na situação lúdica. Portanto, a ação de servir o caldo seria da vendedora, não da cliente. Essa intervenção gerou irritação em Iara que, após tomar o tacacá, resolveu afastar-se do local, retornando, apenas, quando questionada pela professora quanto ao pagamento do que havia consumido. A menina, portanto, apesar de ter seu desejo negado, preocupou-se em cumprir a regra social que seu papel lhe exigia.

Os sentimentos, segundo Mukhina (1995), manifestam-se na criança de forma sincera e involuntária, provavelmente por isso, Iara expressou como se sentiu quando foi contrariada. Essa forma de agir infantil necessita ser foco de atenção nos contextos escolares, cabendo ao professor promover o bem-estar emocional das crianças, o que pode “ajudar o desenvolvimento normal da personalidade da criança e a formação das qualidades que a tornam positiva, fazendo-a mostrar-se benevolente com outras pessoas” (p. 210).

De modo geral, as relações sociais representadas no tema demonstram a internalização da relação capitalista pelas crianças, em que um compra o resultado do trabalho do outro. O lucro, ações de compra e venda, os trabalhadores que fornecem a matéria prima, base da produção, imaginariamente, representaram o modo de produção de bens e serviços mundial.

Episódio 02: Olha o tacacá! Olha o açai!

Participantes: Crianças, professora e pesquisadora

Ação mediadora da professora: A professora organizou um ambiente sugestivo no quintal, próximo à maloca, após a apresentação de documentários que havia feito ao longo da semana, os quais poderiam enriquecer o conteúdo da brincadeira e as ações das crianças com os objetos tradicionais da região. Dispôs mesas, cuias, tipitis, peneiras e a caixa que os armazenava para que as crianças interagissem livremente no local enquanto as observava. Entrevistou no conteúdo da brincadeira, apresentando novos significados às sementes de jambeiro; tornou-se uma das participantes da brincadeira; problematizou as ações das crianças com perguntas ocasionais.

Conteúdo da brincadeira de faz-de-conta (ações, operações com objetos e interações entre os participantes):

A professora juntava sementes do chão e explicava que elas poderiam ser utilizadas como diversas coisas no tacacá. Ela perguntou para Manioca:

- Sementes de jambeiro, o que dá para ser?

- O coisa.

- Como é o nome do coisa?

- A senhora sabe.

- Não, eu não sei o que é o coisa.

Com a cuia na mão a professora perguntou:

- Mas a gente toma o tacacá com colher?

- Toma. – Manioca respondeu, balançando a cabeça.

- Com colher, pode? – A professora insistiu.

- Pode. – Manioca respondeu novamente.

Depois de andar um pouco, Manioca virou para a professora e disse:

- É cinco reais!

- Ah! desculpa! – A professora respondeu, fingindo tirar dinheiro do bolso de trás, entregando-o para a vendedora.

A professora foi até a mesa de tacacá e auxiliou as crianças, falando sobre panelas:

- Uma é para goma, uma é para o tucupi.

Ao fundo, Icamíaba gritou:
 - Olha o açáí!
 Ao ouvir, a professora foi até a vendedora de açáí e disse:
 - Olha o açáí! Eu quero açáí! Quanto é o litro?
 Tucandeira se aproximou e disse:
 - Eu quero também.
 - A Tucandeira também quer açáí. Quanto é? - Dica perguntou
 - Quinze reais. - Icamíaba respondeu, abrindo uma caixa vermelha.
 - Quinze reais? Tudo isso? Não é muito caro, não? - Assustou-se a professora.
 Icamíaba entregou uma cuia para a professora, que perguntou se Tucandeira queria, repassando a cuia para ela. Depois, pegou outra com a vendedora e disse:
 - Obrigada! Pega o dinheiro, meu e da Tucandeira.
 Icamíaba recebeu o dinheiro e pôs dentro da caixa vermelha. A professora percebeu e falou:
 - Tu vais colocar o dinheiro dentro do açáí, é?! Não acredito que tu vais colocar dentro do açáí. Põe no teu bolso!
 Manioca viu a professora tomando o açáí direto da cuia e disse:
 - Eu tenho colher!
 - Já tem colher? É bom para tomar açáí com tapioca, muito bom. - A professora falou, pegando a colher e fingindo tomar o açáí com a colher.
 Tucandeira foi até a pesquisadora e explicou:
 - Olha aqui, tia! - Entregando uma cuia para ela.
 - O que é isso? - ela perguntou.
 - Açáí! - Tucandeira respondeu.
 - Obrigada! Toma! Acabei, obrigada. - A pesquisadora falou, após fingir tomá-lo.
 Iara foi até Icamíaba e perguntou:
 - Quanto é o litro? Quanto é o litro? Ela quer o litro.
 Icamíaba abriu a caixa vermelha e disse:
 - Eu estou vendendo!
 Iara pegou algumas coisas de dentro da caixa e Icamíaba reivindicou:
 - Amiga, tá acabando.

Como no episódio anterior, a brincadeira de faz-de-conta de papéis desenvolvida pelas crianças apresentou características do terceiro nível de desenvolvimento do brincar, como propõe Elkonin (2009): as ações lúdicas imaginárias das crianças reelaboraram criativamente o conteúdo das relações sociais dos pequenos vendedores de tacacá e açáí de Santarém; os papéis estavam bem definidos pelas crianças que agiam de forma coordenada com os demais parceiros da brincadeira (vendedores, clientes), respeitando a sequência lógica das ações e as regras sociais de compra e venda.

O ambiente sugestivo e as intervenções da professora como brincante possibilitaram a construção de um enredo cujas ações das crianças buscaram seguir a lógica das relações sociais reais. Considera-se que sua atuação não interferiu na liberdade, típica dessa brincadeira, uma vez que, para Elkonin (2009), embasado nos estudos desenvolvidos por Frádkima (1946) é essencial a atividade conjunta dos adultos com as crianças, para que elas consigam atribuir novos significados aos objetos e a si mesmas na representação de papéis sociais. Para esse teórico, a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais tem a capacidade de persuadir as crianças, pelas intervenções do adulto, que lhes oferece objetos para que

transfiram suas ações nos usos substitutivos; denominam ludicamente os objetos para que as crianças o manejem e também lhes atribuam nomes de outros objetos substitutivos; propõem relações entre as ações das crianças com nomes de pessoas, ou papéis cujas ações representam.

As três formas de atuação do professor apresentadas evidenciam que a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, além de uma necessidade de as crianças realizarem seus desejos irrealizáveis, de ser e fazer aquilo que sua condição física não permite (VIGOTSKI, 2008), é, também, um processo de educação. Ou seja, a criança torna-se capaz de brincar através do outro mais experiente que lhe instrui. Essa instrução pode ser feita na forma direta, quando o adulto tem a intencionalidade de criar possibilidades ao desenvolvimento da criança, como, também, através da observação da criança ao modelo de conduta do adulto, quando ela o observa em seu trabalho, na escuta de notícias, enfim, nas diversas formas de relacionamento de uns com os outros. (MUKHINA, 1995, p. 190).

Dessa forma, quando Dica diz às crianças que sementes de jameiro podem ser, no campo imaginário, pimentas, camarões ou o que as crianças quiserem, ela abre possibilidades para que as crianças brinquem com os significados das coisas, invertendo a relação objeto/sentido; ação/sentido. Com essa percepção, se, anteriormente, o fator dominante era o objeto ou a ação, agora, a estrutura inverte-se: o sentido torna-se o numerador – sentido/objeto; sentido/ação. Assim, “na brincadeira, a criança opera com os objetos como sendo coisas que possuem sentido, opera com os significados das palavras, que substituem os objetos”. (VIGOTSKI, 2008, p. 31). Nesse processo a criança passa a tomar consciência da palavra como parte dos objetos, por isso, consegue atuar no aspecto semântico, em que as significações das coisas determinam seu comportamento.

Outra questão a se destacar é a mensuração da professora acerca regras sociais em um momento da brincadeira, quando questiona Icamiaba sobre a junção do dinheiro ao alimento. A criança, no episódio anterior a esse, havia sido questionada sobre o fato e ficou sem jeito por não ter percebido a regra. Dessa vez, a professora, além de questionar, sugeriu que a menina pusesse o dinheiro no bolso. Esse destaque às regras permitiu que, no mesmo instante, Manioca repelisse a atitude da professora que tomava o açaí sem o auxílio da colher, oferecendo o objeto a ela. As regras de conduta social, para Vigotski (2008), apresentam-se na situação imaginária de forma oculta e, neste caso, a professora a destacou. Do mesmo modo, qualquer brincadeira com regras, possui uma situação imaginária, sendo a primeira forma típica da brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais, assim, brincar de faz-de-conta é brincar com regras.

As funções psíquicas superiores destacadas no episódio são: a imaginação, na representação criativa dos papéis sociais; a fala, nas relações histriônicas entre os participantes e nas relações reais da professora com as crianças; a função simbólica da consciência, pela utilização substitutiva de objetos: sementes, camarão, pimenta; o cálculo, na constatação que Iara fez sobre pesos e medidas, quando se referiu à compra de um litro de açaí, de modo que o preço da quantidade da cuia (menor) seria diferente do preço de um litro.

Para Vigotski (2000a, p. 34) o desenvolvimento da “personalidade se cria juntamente com as funções psíquicas superiores”. Isso demonstra a complexidade e a interação de ambos os processos que se formam e regulam o cérebro da pessoa de fora para dentro, ao mesmo tempo que, o que se desenvolve internamente nos indivíduos, como a personalidade, regula o que cada um toma para si das relações sociais.

Desse modo, é importante refletir sobre as características do grupo social das crianças (o meio, o que estar fora), percebendo-as como uma “unidade social definida” desse grupo (uma personalidade desse meio). O tema desenvolvido no episódio, por exemplo, expressa algumas características dos modos de trabalho e de vida dos santarenos que sobrevivem principalmente do setor do comércio, de serviços, da agricultura, da pesca, da mineração e indústrias (LIMA, CUNHA, COSTA, 2017). Assim, considera-se comum as crianças representarem, em suas brincadeiras, conteúdo desses modos de trabalho.

A brincadeira de faz-de-conta pode ser considerada, portanto, uma forma de expressão da criança, que possibilita a contemplação do que ela tem percebido das relações sociais e o que está em processo de internalização dessas relações. A partir dessa contemplação, o adulto pode intervir no processo de desenvolvimento da personalidade infantil, se percebidas relações e conteúdos que fogem as regras éticas, morais de uma sociedade, na tentativa de converter o processo em algo positivo na criança. Refletir sobre os papéis sociais, instigar a colaboração, a autoafirmação, a partilha, o diálogo, a empatia, fazer boas perguntas às crianças pode ajuda-las a desenvolverem uma conduta arbitrada¹⁰ (não necessariamente ajustada!) e ajudar a modificar o que houver de negativo em sua formação. Fazer boas perguntas significa um “conjunto de provocações que o adulto pode fazer às crianças para tentar gerar novos conhecimentos”. (ALTIMIR, 2017, p. 69).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁰ Ato de comparar a conduta do papel assumido à sua conduta real (ELKONIN, 2009, p. 417).

Inspirando-se nas ideias de Vigotski e seus seguidores este estudo propôs-se compreender de que forma a brincadeira de faz-de-conta de papéis sociais contribui no desenvolvimento da personalidade das crianças da pré-escola. As brincadeiras destacadas nos episódios mencionados, especificamente, evidenciaram as ressignificações que as crianças fizeram das relações sociais que vivenciaram no meio amazônico, bem como os processos psicológicos em desenvolvimento nelas (fala, imaginação, função simbólica da consciência e o cálculo).

Os dados da pesquisa mais abrangente a esse artigo, revelam que as representações dessas relações, espelhadas na sociedade capitalista de produção, são permeadas pela competitividade, submissão, lucro, conformismo, discriminações, violência, medo, mas, também, por atitudes de cooperação, partilha, liderança, autoafirmação, cuidado, atenção, empatia e coragem. Os argumentos da particularidade regional amazônica, especificamente, também representaram relações de compra e venda, em que os pequenos produtores fornecem matéria prima e vendem o resultado do seu trabalho. Paralelamente a isso, as crianças demonstraram, no campo imaginário e real, atitudes colaborativas nas brincadeiras que envolvem a agricultura e o trabalho autônomo de vendedores de tacacá e açafá.

Diante disso, os professores da educação infantil têm o importante papel de criar possibilidades de vivências positivas ao desenvolvimento da personalidade das crianças. A brincadeira de faz-de-conta pode ser o fio condutor dessas vivências, pois, por meio dessa atividade a criança pode exercer sua liberdade, expressar suas ideias, fazer escolhas, pode, acima de tudo, representar situações além do seu nível de desenvolvimento real, por meio da imaginação. Oportunizando isso às crianças, a escola, além de garantir seus direitos (brincar, interagir, expressa-se), pode vislumbrar as necessidades de desenvolvimento infantis, como por exemplo, em que aspectos pode intervir na formação social dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALTIMIR, David. Escutar para documentar. In: MELLO, Suely Amaral. BARBOSA; Maria Carmen Silveira; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Orgs.). **Documentação pedagógica: teoria e prática**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017. 131p.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário de usos do Português do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982

ELKONIN, Daniil B. **Psicologia do jogo**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. São Paulo: **Revista de Administração de Empresas**. v. 35. n. 3, p. 20-29, maio/jun., 1995.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos CEDES**, 20 (50), 9-25, 2000.

HUBERMAN, Michaël. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, António (org.) **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: **Anais do seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas atuais**. Belo Horizonte, Novembro de 2010.

LEONTIEV, Alexis N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978. P. 261-284

LEONTIEV, Alexis N. Os princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar. In: VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução: Maria da Penha Villalobos. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006.

LIMA, Géssica de Aguiar; CUNHA, Igor Montiel Martins; COSTA, Sinara Almeida da. Quase sem cidadania: a inacessibilidade das crianças de 0 a 5 anos aos espaços de apreciação de bens culturais no município de Santarém-PA. In: COLARES, Maria Lília Imbiriba Sousa; PEREZ, José Roberto Rus; TAMBORIL, Maria Ivonete Barbosa. **Educação e realidade amazônica** – volume 2 – Uberlândia: Navegando Publicações, 2017. p. 109-120.

LIMA, Géssica de Aguiar; RODRIGUES, Alyne Fernandes. **Brincadeiras e interações na educação infantil em uma escola particular de Santarém-Pará**. 30/04/2016. (Monografia) Especialização em Docência na Educação infantil – Universidade Federal do Oeste do Pará. Programa de Pós-Graduação em Educação. Santarém (PA), 2016.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro de. **A infância resiste à pré-escola?**, 28/02/2014, 238 f. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PINHEIRO, Itamar de Medeiros. **O brincar da criança indígena Sateré-Mawé: elo entre a socialização e a formação cultural**, 01/12/2015, 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

PRESTES, Zoia R. **Quando não é quase a mesma coisa: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil - repercussões no campo educacional.** Tese (Doutorado, Faculdade de Educação) Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SANTOS, Tatiane Rabelo Lapa. **Crianças e infâncias:** um olhar de azul para os trabalhos apresentados no GT07 da ANPED, 30/04/2014, 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

SILVA, José Ricardo. A brincadeira na Educação Infantil (3 a 5 anos): uma experiência de pesquisa e intervenção. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 47, p. 340, mar. 2013.

SIRGADO, Pino Angel. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, Julho/00, p. 45-78.

TEIXEIRA, Sônia Regina. A mediação de uma professora de educação infantil nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças ribeirinhas. **35ª Reunião Nacional da ANPEd** – 21 a 24 de outubro de 2012. Porto de Galinhas - PE.

TEIXEIRA, Sônia Regina. A relação cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças ribeirinhas da Amazônia. **36ª Reunião Nacional da ANPEd** – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

TEIXEIRA, Sônia Regina. Teoria histórico-cultural e educação infantil: concepções para orientar o pensar e o agir docentes. In: COSTA, Sinara Almeida da; MELLO, Suely Amaral (Orgs.). **Teoria histórico-cultural na educação infantil:** conversando com professoras e professores. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.

VIGOTSKI, Lev. S. A brincadeira e o seu papel social no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução: Zoia Prestes. Rio de Janeiro: **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**, nº 11, julho de 2008.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VIGOTSKI, Lev. S. Método de investigación. In: VIGOTSKI, Lev. S. **Obras escogidas - Tomo III.** Madrid: Visor DIS., S. A, 1995/2000. p. 47-96.

VIGOTSKI, Lev. S. O manuscrito de 1929: Psicologia concreta do homem. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, julho/00a, p. 21-44.

VIGOTSKI, Lev. S. **Psicologia pedagógica.** Tradução: Paulo Bezerra. 3ª ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, Lev. S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. Tradução: Márcia Pileggi Vinha. **Psicologia USP**, São Paulo, 2010a, 21 (4), p. 6.